

3

A pulsão de morte e a vida psíquica

3.1

Uma nova tópica

Já dissemos que, se a diferenciação que efetuamos na mente de um id, um ego e um superego, representa qualquer progresso em nosso conhecimento, deveria capacitar-nos a compreender mais integralmente as relações dinâmicas dentro da mente e a descrevê-las mais claramente (Freud,1923:55).

Veremos como Freud vai apresentar uma nova configuração de aparato anímico, a partir da elaboração de sua segunda tópica. A partir da introdução do conceito de pulsão de morte na teoria psicanalítica, a primeira tópica, herdada da *Interpretação dos sonhos*, passará por uma revisão completa.

O que tínhamos como parâmetro, na primeira tópica, para pensar todo o campo freudiano, era a divisão dos processos psíquicos em conscientes e inconscientes. Os pensamentos inconscientes se dividiam em duas categorias: aqueles capazes de vir à consciência em determinadas circunstâncias, e que, portanto recebiam a designação de **pré-conscientes**, e aqueles que eram considerados **propriamente inconscientes**, incapazes de chegar à consciência, porque barrados pelo recalque. Esta caracterização descritiva da primeira tópica qualifica a **Consciência, o Pré – consciente e o Inconsciente**, como sistemas diferenciados por modos específicos de funcionamento. Sendo a fronteira entre os dois primeiros e o terceiro, estabelecida através da censura. (Mezan, 1991:269).

Em Freud, o inconsciente inclui o recalcado, contudo quando escreve *O Inconsciente* somos alertados de que “o recalcado não abrange tudo que é inconsciente. O alcance do inconsciente é mais amplo: o recalcado é apenas uma parte do inconsciente” (Freud, 1915:191). Se aqui Freud conclui que o inconsciente abrange o recalcado, mas não se esgota nele, ele também não precisa até onde vai esta amplitude do inconsciente.

Naquele ponto de sua elaboração teórica, tudo que sabíamos é que o inconsciente incluía o recalcado e que o conflito defensivo se dava entre as pulsões do eu e as pulsões sexuais. Apesar de que a introdução do conceito de narcisismo, em 1914, como vimos, vai trazendo problemas a esta configuração de aparato. Com a introdução deste conceito, o Eu passa a ter um componente libidinal, que não se reduz à finalidade de auto-conservação.³³

Foram duas ordens de fatores que sugeriram a Freud uma revisão na estrutura do aparelho mental, conforme estava proposto na sua primeira tópica:

1) A primeira, de ordem clínica, refere-se ao fato de que as resistências ao processo analítico são inconscientes também, apesar de derivadas do eu e servirem ao propósito de manter os recalques. A conclusão é que:

Deparamo-nos com algo no próprio ego que é também inconsciente, que se comporta exatamente como o recalcado- isto é, que produz efeitos poderosos sem ele próprio ser consciente e que exige um trabalho especial antes de poder ser tornado consciente (Freud,1923:30).

2) A segunda é que como demonstramos no capítulo anterior, as pulsões do eu, a partir da introdução do conceito de narcisismo, passam a ter um componente libidinal irreduzível à auto conservação; e passam a ser absorvidas pelas pulsões de vida no quadro do remanejamento da teoria pulsional que se inicia em 1920, inaugurando o tema da pulsão de morte. E assim, não só as bases pulsionais do eu são reafirmadas, como também a característica de ser em parte inconsciente,

(...) começa a perder significação para nós. Torna-se uma qualidade que pode ter muitos significados, uma qualidade da qual não podemos fazer, como esperaríamos, a base de conclusões inevitáveis e de longo alcance (Freud,1923:30/31).

³³Sobre este assunto ver tópico 1.6.

A reelaboração da teoria das pulsões sugere para Freud uma nova tópica. Haveria um pólo pulsional no psiquismo, oposto ao eu - o pólo organizado. Em 1923, este pólo pulsional, vai receber o nome de *Isso*.³⁴

O conflito defensivo deixa de se dar entre o consciente e o inconsciente, como nos textos da primeira tópica, e será marcado pela oposição pólo pulsional (*Isso*) / pólo organizado ou defensivo (*Eu*). Assim em 1923, consciente e inconsciente ficam apenas como meras qualidades psíquicas e não mais designam sistemas que organizam a atividade anímica. A topografia de 1915 é então derogada. “Daí a proposta de reconsiderar a geografia da mente, não mais em função de ser ou não ser inconsciente, mas segundo o critério do desejo” (Mezan,1991:270). Já que o que está em jogo aqui é a satisfação pulsional.

A correlação de forças, na segunda tópica freudiana, apresenta de um lado o eu, de outro a realidade e seus representantes, incluindo aí o supereu e os ideais, e de outro as pulsões, de vida e de morte, formando o *isso* que significa em Freud: *as paixões indomadas*. (Freud, 1933:98)

A novidade que Freud nos informa neste texto, ao qual nos referimos, é que se de um lado o eu tem por núcleo o sistema perceptivo, cuja sede é a consciência; por outro, parte dele é inconsciente e mergulha na instância do *isso*, do qual ele é apenas o invólucro exterior.

Na fronteira entre o *Eu* e o *Isso*, estão as resistências, exercidas pelo eu, que funcionam no sentido de manter o recalque³⁵. Apesar disto, a eficiência das resistências é contestável, haja vista a presença dos atos falhos, dos sonhos e dos sintomas neuróticos na vida cotidiana. Isto prova que o material recalcado pode comunicar-se com o eu e enviar representantes, apesar de seus esforços para mantê-lo afastado.

³⁴ O termo foi introduzido por George Groddeck, em 1923 e utilizado por Freud no mesmo ano, na revisão de sua tópica proposta em *O ego e o id*, para designar uma das três instâncias psíquicas, ao lado do eu e do supereu. O *isso* é concebido como um conjunto de conteúdos de natureza pulsional e de ordem inconsciente. É considerado como a primeira instância tanto do ponto de vista filológico como ontogenético. É a partir dele que as outras instâncias se constituem e se desenvolvem.

³⁵ Em seu artigo *Inibição, Sintoma e angústia* (1926), Freud vai falar que são três as resistências oriundas do *Eu*: A primeira, é a resistência do recalque, que mantém inconscientes os impulsos incompatíveis com o *Eu*. A segunda vem da transferência, que reaviva o material recalcado, mas repetindo-o na análise, ao invés de lembrá-lo. (Ver, *Recodar, repetir e elaborar* [1914]). A terceira resistência do *Eu*, advém do ganho proveniente da doença, e representa segundo Freud, “uma não disposição de renunciar a qualquer a satisfação ou alívio que tenha sido obtido” com o sintoma (Freud, 1926: 184).

Originando-se do isso e formando seu invólucro organizado, agora nomeadamente, o eu retira suas energias do reservatório pulsional do isso, de modo que o controle das pulsões é feito com a própria carga energética que elas proporcionam. A gênese pulsional do eu, é assim afirmada com todas as letras.

É fácil ver que o ego é aquela parte do id que foi modificada pela influência direta do mundo externo, por intermédio do *Pcpt.-Cs.*;(...). Além disso, o ego procura aplicar a influência direta do mundo externo ao id e às tendências deste, e esforça-se por substituir o princípio de prazer, que reina irrestritamente no id, pelo princípio de realidade (...) (Freud, 1923:39).

O que faremos agora é investigar de que forma a pulsão de morte vai participar de processos importantes na vida psíquica, e inclusive sua relevância na constituição do próprio aparato, que no quadro da segunda tópica freudiana, será pensado em termos de três instâncias: Eu, Isso e Supereu.

É notável que a pulsão de morte freudiana possa ter na dialética interna do trabalho psíquico, uma outra função que não aquela de obstáculo a ser superado. Seguramente, que muitas vezes Tanatos desempenha o papel de obstáculo, porém paradoxalmente acreditamos que há uma implicação positiva da pulsão de morte no trabalho psíquico.

3.2

A fusão pulsional

Se, portanto, não quisermos abandonar a hipótese das pulsões de morte, temos de supor que estão associadas desde o início, com as pulsões de vida (Freud, 1920:78).

Se quisermos compreender a contribuição efetiva da pulsão de morte para a vida psíquica, levar em conta a fusão pulsional, torna-se uma condição necessária em todo estudo sobre a teoria da pulsão de morte em Freud. Isto

porque, pelo menos até este ponto da trajetória freudiana sobre as pulsões (1920), manifestações pulsionais, todas elas, resultam da mesclagem das duas pulsões.³⁶

A tese defendida por Freud é que, desde o início da vida, pulsões de vida e de morte encontram-se amalgamadas e em conflito. Este fato nos coloca diante de mais um problema a superar se quisermos falar da pulsão de morte, já que, pelo menos até aqui, esta nunca aparece como tal. Ela é silenciosa, só aparecendo intrincada com a pulsão de vida.

André Green (1988) pontua que a hipótese do conflito originário opondo os dois grupos de pulsões está na base tanto da teoria psicanalítica geral, quanto na teoria da pulsão de morte. Para ele, a tese do conflito pulsional fundamental responde em Freud à exigência,

(...) de explicar o fato de que o conflito é repetível, deslocável, transportável e que sua permanência resiste a todas as transformações do aparelho psíquico. É esta constatação que obriga Freud a postular teoricamente um conflito original, fundamental e primeiro, que coloca em jogo as formas mais primitivas da atividade psíquica, o que explica sua inflexibilidade quanto ao dualismo pulsional (Green, 1988:61).

Contudo, Ana Rudge adverte que muito embora Freud tenha proposto a noção de Tanatos, no quadro de uma oposição entre pulsões de vida e de morte, para defender o dualismo, não é a oposição das pulsões que fundamenta o conflito psíquico, “já que as pulsões primárias são tomadas, ambas, como estando em ação de forma difusa no psiquismo todo, e em qualquer de suas instâncias”. Para a autora, os conflitos psíquicos que estão na gênese dos quadros psicóticos e neuróticos, são resultado do embate entre isso, eu e supereu, sendo que as pulsões estão sempre intrincadas em todas estas instâncias e “não dão conta do conflito psíquico”(Rudge, 2005:3).

Quaisquer que sejam as divergências sobre a interpretação dos fatos clínicos e as teorias postuladas para explicá-los, os psicanalistas se reconhecem,

³⁶ Já que a pulsão de morte só vai ganhar uma autonomia em relação à sexualidade em 1930, no artigo *O mal estar na civilização*, quando aparecerá como destrutividade autônoma. Ou seja, uma modalidade de destruição, de agressão não erótica, desvinculada da sexualidade. Trataremos deste assunto adiante.

no postulado fundamental de que, é impossível dizer o que quer que seja da pulsão de morte, sem se referir ao outro termo do par que ela forma com a pulsão de vida, numa articulação conceitual indissociável, seja porque estão fusionadas em todas as instâncias psíquicas, seja porque simplesmente não há como falar de pulsão, sem levar em conta este duplo estatuto a que Freud as reduz.

A oposição dos modos de funcionamento das duas pulsões foi afirmada por Freud, do início de suas formulações sobre a pulsão de morte, até o final de sua obra.

Já em seus *Três Ensaios sobre sexualidade* (1905), Freud identificou um componente sádico na pulsão sexual, que ele tomou como primário. Em 1920, quando da ampliação-aprofundamento de suas concepções sobre o prazer-desprazer, ele atribuiu o sadismo à ação da pulsão de morte, que fora afastada do eu pela ação da libido narcísica:

Não é plausível imaginar que esse sadismo seja realmente uma pulsão de morte que, sob a influência da libido narcísica, foi expulsa do ego e, conseqüentemente, só surgiu em relação ao objeto? (...) Poder-se-ia verdadeiramente dizer que o sadismo que foi expulso do ego apontou o caminho para os componentes libidinais da pulsão sexual e que estes o seguiram para o objeto (...) (Freud, 1920:74).

Nessa descrição do sadismo a destrutividade se dirige ao objeto, mas tem sua fonte pulsional no sujeito. Como bem observa Rosenberg (2003:28), isto marca uma evolução interessante, porque pelo menos do ponto de vista de sua fonte, há uma interiorização da destrutividade, o que nos coloca a um passo da teoria sobre o masoquismo originário, que Freud irá elaborar mais tarde e que examinaremos detalhadamente adiante. Aqui ficaremos apenas com a indicação de que a teoria do masoquismo original consiste, em conceber uma destrutividade que não apenas tem sua fonte pulsional no sujeito, mas que ao mesmo tempo visa e dirige-se, em primeiro lugar, ao próprio sujeito. Isso implica uma reformulação já que na teoria anterior o sadismo foi considerado primário, e o masoquismo, um retorno do sadismo ao eu.

Retornando ao texto freudiano, o que esta passagem prenuncia, é um conceito fundamental na doutrina da pulsão de morte, e que nos interessa de perto: o conceito de fusão pulsional.

Até este ponto (1920), o que Freud estabeleceu é que nenhuma das pulsões apresentava-se em seu estado puro, que as pulsões de morte e as pulsões de vida estavam sempre misturadas e que é através da sexualidade que a pulsão de morte encontra alguma expressão, como fica bem evidente através do exemplo do sadismo.

É importante para nós entender como agem as pulsões que, por definição, agem em conjunto. Num dos últimos textos freudianos, publicado depois de sua morte, o *Esboço de psicanálise* (1938), a ação conjunta e oposta das pulsões está bastante nítida:

Depois de muito hesitar e vacilar, decidimos presumir a existência de apenas duas pulsões básicas, *Eros e a pulsão destrutiva*. (...) O objetivo da primeira dessas pulsões básicas é estabelecer unidades cada vez maiores e assim preservá-las — em resumo, unir; o objetivo da segunda, pelo contrário, é desfazer conexões e, assim, destruir coisas. No caso da pulsão destrutiva, podemos supor que seu objetivo final é levar o que é vivo a um estado inorgânico. Por essa razão, chamâmo-la também de *pulsão de morte* (Freud, 1938:173).

Como vimos em Freud, até o final de sua obra, esta ação das pulsões sobre o objeto pode ser de ligação ou de destruição, e a ação de uma não se reduz à outra. Trata-se de um duplo investimento objetal, tanto de ataque desagregador da pulsão de destruição, cuja meta é dissolver nexos e destruir as coisas do mundo, quanto de ligação da libido, que procura produzir unidades cada vez maiores e assim conservá-las. Assim, em oposição à pulsão de vida, a pulsão de morte é tomada como uma força que quebra as relações, isto é como uma força de desligamento.

É baseado nisso que Lacan defende no *Seminário 7*³⁷, que a pulsão de morte deve ser entendida como “vontade de destruição direta”, como princípio de disjunção, no sentido de desfazer as formas conservadas pela pulsão sexual. É a pulsão de morte que responde pela constituição das diferenças. Ele escreve:

³⁷ Em seu Seminário 7, Lacan dedica um capítulo exclusivamente ao conceito de pulsão de morte.

(...) é exigível que, nesse ponto do pensamento de Freud, o que está em questão seja articulado como pulsão de destruição, uma vez que ela põe em causa tudo o que existe. Mas ela é igualmente vontade de criação a partir de nada, vontade de recomeçar (Lacan, 1960:260).

Entendida desta maneira, o que a pulsão de morte possibilita a partir da destruição é o surgimento de novas configurações, é o recomeço, como vontade de outra coisa. Colocando em causa tudo o que existe, impede a permanência das totalidades já constituídas, exige a criação do novo. Enquanto vontade de destruição direta, a pulsão de morte rompe as ligações já estabelecidas e impede a repetição do mesmo.

Também retomando Freud, Rosenberg (2003) afirma que as pulsões atuam lado a lado, e neste processo de investimento “bipulsional” do Eu e do objeto, a libido pode ter maior ou menor sucesso em ligar e limitar os efeitos da pulsão de destruição sobre o objeto. Diz ainda que para que se constitua uma “unidade” do objeto, é necessário que a libido consiga conservá-lo, assim como é preciso que a pulsão de morte não consiga desagregá-lo. Contudo, para que se consiga este efeito, é preciso que no interior do objeto mantido pela libido, a pulsão de morte possa estabelecer diferenciações internas que constituirão a riqueza e a complexidade deste objeto. Ele conclui que é a ação diferenciada da pulsão de morte que torna possível, da parte do sujeito, uma relação nuançada com o objeto, porque a ação da pulsão de morte introduz esta diversidade não só no interior do objeto isoladamente, mas no mundo objetal como um todo.

Neste sentido, é a ação da pulsão de morte, enquanto princípio disjuntivo que responde pela constituição das diferenças. Quem o mostra é o Professor Luiz Alfredo Garcia-Roza, autor da trilogia intitulada *Introdução à metapsicologia freudiana*:

Se estivéssemos submetidos apenas à ação das pulsões de vida, tenderíamos a dissolver as diferenças numa grande união final. Por Eros (...) sequer conseguiríamos sair do estado inicial de um narcisismo original, estado afetivo indiferenciado, anterior à constituição do eu (Garcia-Roza, 1990:157).

A diversidade dos fenômenos da vida é, portanto, resultante da ação conjunta e antagônica das duas pulsões fundamentais.

Nesta linha, Eero Rechartt, um outro comentador de Freud, dirá que as representações da pulsão de morte constroem as estruturas da vida e aumentam a capacidade de manobra da libido. Sublinha ainda, sobre a questão da intrincação pulsional: “Eros e a pulsão de morte formam juntas um sistema binário particular onde um não existe sem o outro. Juntos podem criar uma infinidade de formas de vida e de morte” (Rechartt, 1988:55).

A fusão pulsional, portanto, conjuga pulsões de vida e de morte, que desta forma amalgamadas, aparecem permanentemente em conflito. Conflito este que marca a presença originária da sexualidade e da destrutividade. Opostas por natureza, pulsões de vida e de morte coexistem, demarcando uma divisão originária do ser humano.

Em *Além do princípio do prazer*, há um fenômeno clínico fundamental, que exemplifica a ação da pulsão de morte e dá provas da fusão pulsional. Esse é o fenômeno do sadomasoquismo que apresenta de forma bastante evidente elementos de sexualidade e destrutividade.

Freud termina por concluir que o sadismo é uma parte da pulsão de morte que é desviada do sujeito e que recai sobre o objeto. Contudo, esta operação de desvio só pode ser realizada por intermédio de Eros, que por sua natureza, volta-se para o exterior em busca de produzir ligações. Daí deriva um novo ponto de vista. A idéia de que antes e originalmente, o sujeito é masoquista: “A descrição anteriormente fornecida do masoquismo exige uma emenda por ter sido ampla demais sob um aspecto: pode haver um masoquismo primário, possibilidade que naquela época contestei” (Freud, 1920:75).

Esta passagem leva a uma mudança metapsicológica essencial, que é muito importante para nosso trabalho, pelo elo que liga o fenômeno psíquico do masoquismo à teoria da pulsão de morte.

3.3

Masochismo erótico primário e pulsão de morte

Esse masochismo seria assim prova e remanescente da fase de desenvolvimento em que a coalescência (tão importante para a vida) entre a pulsão de morte e Eros se efetuou (Freud, 1924:205).

A hipótese da pulsão de morte levou Freud a conceituar o masochismo erótico primário como um estado primeiro em que a pulsão de morte é dirigida para o próprio indivíduo, ligada e fundida à libido. Só posteriormente, a pulsão de morte estaria voltada para um objeto exterior, tendo como meta a destruição deste objeto.

Em *O problema econômico do masochismo* (1924), Freud vai expor três formas de masochismo: O masochismo erótico primário, o masochismo feminino e o masochismo moral. Mas, antes de expor as três formas de masochismo, ele propõe uma discussão sobre as relações do princípio do prazer com o masochismo.

Sendo o masochismo definido como um prazer na dor ou em termos metapsicológicos, um prazer no desprazer, temos aí algo que recoloca em questão o funcionamento do princípio do prazer. Perspectiva esta que estava aberta desde 1920, com *Além do princípio do prazer* (1920). Embora incorrendo em uma citação muito longa, vejamos como Freud explica o problema que a tendência masoquista na vida pulsional dos seres humanos coloca ao programa do princípio do prazer:

A existência de uma tendência masoquista na vida pulsional dos seres humanos pode corretamente ser descrita como misteriosa desde o ponto de vista econômico. Pois se os processos mentais são governados pelo princípio de prazer de modo tal que o seu primeiro objetivo é a evitação do desprazer e a obtenção do prazer, o masochismo é *incompreensível*³⁸. Se o sofrimento e o desprazer podem não ser simplesmente advertências, mas, em realidade, objetivos, o princípio de prazer é paralisado — é como se o vigia de nossa vida mental fosse colocado fora de ação por uma droga (Freud, 1924: 287).

³⁸ O grifo é meu.

Assim, em Freud, por um lado há uma tendência masoquista na vida pulsional dos seres humanos, por outro, há a antiga teoria do princípio do prazer, e será preciso que a teoria leve isso em conta.

A *incompreensibilidade* do masoquismo, desta tendência humana original para o sofrimento, será tomada como ponto de partida de uma modificação da teoria psicanalítica, principalmente no que se refere ao princípio do prazer. O que o fato clínico do masoquismo evidencia é que o desprazer deixa de ser um aviso vital, passando a ser uma meta em si mesmo. Sendo assim, situado numa posição masoquista, um sujeito pode renunciar à satisfação das necessidades vitais e colocar deste modo a vida em perigo (Freud, 1924:287). A partir desta problemática, Freud vai concluir que:

(...) não se pode duvidar que há tensões prazerosas e relaxamentos desprazerosos de tensão.(...) O prazer e o desprazer, portanto, não podem ser referidos a um aumento ou diminuição de uma quantidade (...), embora obviamente muito tenham a ver com esse fator (Freud, 1924:287).

Nesta passagem, o que fica evidente, é que o ponto de vista quantitativo da excitação, não é suficiente para definir o prazer e o desprazer, já que um aumento da tensão da excitação pode ser sentido como prazer em algumas condições.

É o fenômeno clínico do masoquismo, que nos demonstra, que alguns aumentos de tensão, que são da ordem da dor ou do desprazer, podem ser vividos como um prazer.

Lembremos que desde sempre, a noção de desprazer em Freud correspondia ao aumento da excitação interna, em função das necessidades da criança. ³⁹Esta excitação só podia ser detida pela satisfação da necessidade, que aplacando o estado de urgência, dava lugar aquilo que Freud chamou de experiência de satisfação.

Vimos como a criança é capaz de satisfazer-se alucinatoriamente, reeditando a percepção da experiência de satisfação. Contudo, esta satisfação alucinatoria do desejo conduz invariavelmente ao desapontamento, por ser apenas um adiamento da satisfação real. Este adiamento é uma primeira inscrição do

³⁹ Sobre este assunto ver o tópico sobre a experiência de satisfação.

desprazer no psiquismo e está na base do princípio de realidade, portanto, é fundamental para o desenvolvimento futuro da criança.

Sabemos que o objetivo de uma pulsão é sempre a satisfação, que só pode ser obtida suprimindo o estado de excitação na fonte da pulsão. Esta satisfação será sempre parcial porque, em se tratando de pulsão, não é possível eliminar completamente o estímulo que flui continuamente.⁴⁰

Estamos vendo que para pensar a questão da satisfação em Freud, é preciso levar em conta toda uma economia da dor. É preciso levar em conta a situação descrita pelo masoquismo, tal como Freud apresentou-a formalmente na metapsicologia, em *O problema Econômico do masoquismo*, e também a pulsão de morte. Afinal o masoquismo primário que “(...) jaz ao fundo também das outras duas formas” (Freud,1924:201), corresponde a um estado de fusão pulsional. Há um paradoxo no mecanismo do masoquismo originário. É o masoquismo primário que transforma o prazer em um processo que inclui não apenas a descarga, mas também a excitação. É este núcleo masoquista do eu, constituído originalmente, que permite ao sujeito, suportar a excitação, que de outro modo seria um desprazer insuportável. Isto sugere que graças à ação primária da pulsão de morte e da pulsão de vida intrincadas, o sujeito consegue suportar as frustrações ordinárias da vida, sem ter que recorrer à dissolução da vida, através de uma descarga total e imediata. (Rosenberg,2003:108)

Rosenberg defende a hipótese de que o que Freud apresenta com o masoquismo erógeno primário é uma espécie de mecanismo de proteção contra a pulsão de morte. É que por estar amalgamada à pulsão de vida, a satisfação plena da pulsão de morte é inviável. Assim sendo, o masoquismo primário assegura a sobrevivência do eu, porque impede desta forma sua destruição.

Este pensamento parece encontrar eco, nas palavras de Sándor Ferenczi⁴¹, que afirma que o masoquismo, tem um papel importante em todo ato de adaptação, quando do momento do reconhecimento do mundo externo. Ele conclui que: “Uma destruição parcial do ego é tolerada, mas apenas com a

⁴⁰ Cf. Freud, S., *As Pulsões e suas vicissitudes*, p. 18

⁴¹ Ferenczi concorda com Freud, quanto à hipótese de um masoquismo original. Também para ele, a pulsão de destruição se volta contra a própria pessoa, e somente no decorrer do desenvolvimento dirige-se para fora.

finalidade de construir, a partir do restante, um ego capaz de resistência ainda maior”⁴² (Ferenczi, 1926:321).

Dito em outras palavras, sem o masoquismo erógeno, definido como fusão pulsional primária, a lei de funcionamento da pulsão de morte, expressa pelo princípio de Nirvana⁴³, tenderia a levar a melhor, excluindo toda a excitação da matéria orgânica, fazendo-a voltar ao estado inorgânico.

Na situação descrita pelo masoquismo erógeno, “não se trata de satisfazer essa pulsão, mas de encontrar um meio de não satisfazê-la: não se trata de encontrar os meios de espera-adiamento da satisfação, mas de impedir, pelo máximo de tempo possível, sua satisfação” (Rosenberg, 2003:93).⁴⁴

Se o masoquismo constava na metapsicologia, desde os *Três Ensaio*s (1905) apenas como um dos destinos da pulsão - retorno da pulsão sádica ao eu, aqui Rosenberg acrescenta um novo ponto de vista, afirmando com Freud que ele é originário⁴⁵, e sugerindo que ele se torna essencialmente o meio por excelência de não satisfação da pulsão de morte, já que está fundida com a libido. E é justamente pela ação de Eros, amalgamado à Tanatos, que tal fato se dá, em benefício da preservação da vida.

Ele sustenta que a satisfação da pulsão de morte é a redução da excitação ao nível zero - a descarga absoluta; e o que define o masoquismo erógeno primário, é justamente o prazer no aumento da excitação. Assim, este núcleo masoquista do eu, primariamente constituído, tem por função assegurar a continuidade da excitação, evitando deste modo a necessidade de uma descarga imediata, que em outras palavras representaria uma ruptura na vida psíquica.

Contudo, se de um lado o masoquismo erógeno poderia ser visto como uma proteção contra a destrutividade interna, como diz Rosenberg, por bloquear a ação da pulsão de morte e impedir a dissolução do eu, de um outro lado, este mecanismo, quando exacerbado pode tornar-se extremamente ameaçador, e é este o paradoxo do masoquismo erógeno primário, que vem a ser ao mesmo tempo

⁴² *A partial destruction of the ego is tolerated, but only for the purpose of constructing out of what remains an ego capable of still great resistance.*

⁴³ O princípio de Nirvana vem a ser um termo derivado do budismo e da filosofia de Arthur Schopenhauer, proposto pela psicanalista inglesa Barabara Low e posteriormente retomado por Freud, em *Além do princípio do prazer*, para designar uma tendência do aparato psíquico a aniquilar qualquer excitação.

⁴⁴ Referindo-se à pulsão de morte.

⁴⁵ Não se trata mais de um sadismo que retorna ao Eu.

uma forma de expressão importante da pulsão de morte. “O masoquismo corresponderia a um resto de pulsão de morte que não foi desviada para fora pela libido através do aparelho muscular, como pulsão de destruição, domínio ou poder”. (Rudge, 1998:62)

Como bem coloca Rosenberg (2003), o masoquismo pode ser guardião da vida, mas pode também ser mortífero ao siderar o funcionamento normal da libido e da auto-conservação, podendo levar o sujeito à morte.

Ele cita o exemplo das anorexias mentais graves, que demonstram como o masoquismo pode substituir a satisfação das necessidades vitais, provocando a morte. Neste caso, para ele trata-se de um investimento masoquista da excitação da fome.

Um outro exemplo, desta ação mortífera da satisfação masoquista, encontra-se nos casos de mutilações graves que alguns psicóticos se infligem. Neste caso a satisfação masoquista bloqueou a satisfação da pulsão de vida e de auto-conservação, tornando-se profundamente ameaçadora.

Assim o ‘masoquismo mortífero’ pode ser definido como “... *um masoquismo que deu certo demais*. Isto quer dizer que o sujeito investe masoquistamente todo o sofrimento, toda a dor, todo o território do desprazer, ou quase” (Rosenberg, 2003:109).

Quando o sujeito encontra seu prazer exclusivamente na excitação dolorosa, por um superinvestimento da mesma, em detrimento do prazer da descarga, temos um verdadeiro masoquismo patológico. Este é o caso das anorexias mentais, por exemplo. Neste caso se produz um deslocamento da satisfação objetal (descarga), à excitação. Ocorre um abandono do objeto. No limite, este superinvestimento masoquista da excitação tende a enfraquecer as defesas do eu, em especial a projeção.⁴⁶

Se a pulsão de morte tem que ser deslocada para o exterior é porque ela ataca primeiramente o sujeito. Vimos que antes mesmo que a pulsão de morte possa ser desviada para um objeto externo, ela encontra-se amalgamada à pulsão

⁴⁶A projeção (ou deslocamento para o exterior) é para o Eu arcaico, uma espécie de defesa primária fundamental contra a ameaça de destruição interna vinda da pulsão de morte. Este mecanismo defensivo, promove uma drenagem para o exterior da maior parte da pulsão de morte. A outra parte que não participa deste desvio para o exterior, permanece no interior do Eu, onde encontra-se ligada libidinalmente, a serviço da função sexual, constituindo-se no núcleo do masoquismo erógeno primário.

de vida no interior do organismo, e nesta fusão primordial reconhecemos com Freud, o núcleo original do masoquismo.

Concluimos com Freud, que existe uma equivalência da fusão pulsional primária ao masoquismo erógeno primário. Dito em outras palavras, o eu primário é masoquista. O eu não pode se formar sem que a pulsão de morte esteja ligada, caso contrário pode ser destruído. Assim, a fusão pulsional primária, que é equivalente ao masoquismo erógeno primário, é contemporânea da primeira forma de organização do eu.

Portanto, esta presença originária da pulsão de morte atada à pulsão de vida, constitui-se como o primeiro passo da constituição do aparato psíquico.

3.4

Masoquismo moral, Supereu e Pulsão de morte.

A restrição à agressividade do indivíduo é o primeiro e talvez o mais severo sacrifício que dele exige a sociedade. Temos verificado de que maneira simplista se conseguiu domar essa coisa indomável. A instituição do superego introduz um destacamento armado (...), nas regiões inclinadas à rebelião. (Freud,1933:137)

Vimos que Freud fala de três tipos de masoquismo no artigo sobre *O problema econômico do masoquismo* (1924). Todos eles são em graus variados, expressões do masoquismo erógeno primário. Contudo a forma descrita por Freud como masoquismo moral, será muito importante para nosso estudo, justamente pelo fato “de ele originar-se da pulsão de morte e corresponder à parte desta pulsão que escapou de ser voltada para fora, como pulsão de destruição” (Freud,1924:212).

Aquilo que Freud considerava como exemplo por excelência do masoquismo moral, era a reação terapêutica negativa – o fato de o paciente agravar sua neurose no decorrer do tratamento, justamente nos momentos em que se esperaria uma mudança positiva, porque uma nova compreensão havia sido atingida. Freud reporta este fenômeno à existência de um sentimento inconsciente

de culpa ⁴⁷. Tudo se passa como se a miséria neurótica tivesse o caráter de expiação de um crime, e como se a sua cura acarretasse punições muito severas. Para ele, o sentimento de culpa é derivado da severidade com que o supereu trata o eu (Freud, 1923:49).

Este problema é amplamente discutido no texto de 1924, que estamos analisando. Das três formas de masoquismo distinguidas – a feminina, a erógena e a moral – é esta última que se relaciona diretamente com o supereu. O masoquismo moral é o desejo de sofrer por sofrer, como ilustra o fenômeno clínico da reação terapêutica negativa, sem que este sofrimento provenha do objeto sexual. A fonte desta tendência à dor e ao sofrimento, é a crítica do supereu.

No processo acima descrito, é a parte da pulsão de morte que escapou de ser voltada para fora como pulsão destrutiva que será aproveitada pelo supereu para finalidades punitivas. Sobre este elo que liga pulsão de morte e supereu, Eero Recharadt diz que:

Inicialmente, a destrutividade do supereu luta para apaziguar as relações libidinais da criança com seus pais. Tentando acalmar esta relação de importância primordial(...), a pulsão de morte é intransigente: os interditos morais lutam pela paz por meio da destruição pura, pois o que perturba no plano moral é absolutamente mau e deve ser destruído. (Recharadt, 1988:54)

Isto indica para nós, que a pulsão de morte engrossa o caldo do supereu, participando de sua origem, o que demonstra sua importância na economia psíquica, de modo geral.

•

O termo supereu em Freud remonta à noção de um ideal do eu, cuja origem é narcísica. Lembremos que na etapa narcisista, o sujeito é investido de

⁴⁷ É paradoxal a expressão “sentimento inconsciente de culpa”, já que Freud considera, no artigo *O Inconsciente*, que “a possibilidade do atributo da inconsciência seria completamente excluída no tocante às emoções, sentimentos e afetos” (Freud, 1915, p.182). A conclusão é que nenhum afeto é recalcado, apenas a idéia ligada a ele é que pode sofrer recalque. Para dar conta desse problema, Freud sugere uma mudança de termos, passando a utilizar o termo “necessidade de punição” ao invés de sentimento inconsciente de culpa, um termo menos rigoroso, já que é próprio do sentimento se tornar consciente, ser sentido.

uma onipotência que, somente diante das críticas dos pais e dos educadores, vai sucumbir, promovendo a passagem do que Freud chamou de eu-prazer para o eu-realidade.⁴⁸

Para livrar-se da humilhação que aponta para as verdadeiras dimensões e capacidades do eu, o sujeito elabora para si um ideal, que não é nada menos que seu narcisismo perdido e que ele vai perseguir como algo que o norteia, na tentativa de restaurar a onipotência perdida.

A formação deste ideal se faz acompanhar de uma instância auto-observadora, que critica o eu, e que Freud chamou de consciência moral, que vem a ser responsável pelo sentimento de culpa. Em *Luto e Melancolia*(1915), por exemplo, Freud nos fala de uma divisão do eu, de modo que uma parte dele vai se comportar como algoz da outra, trazendo um sentimento de culpa inconsciente, cuja ação podemos observar nos sintomas da melancolia.

Em *O ego e o id* (1923), referindo-se à melancolia, Freud introduz a idéia de que toda a agressividade derivada da pulsão de morte é introjetada no supereu do sujeito e é direcionada contra seu eu. Sendo assim, na melancolia “o que está influenciando agora o supereu é, por assim dizer, uma cultura pura da pulsão de morte e, de fato, com bastante freqüência ela obtém êxito em impulsionar o eu à morte” (Freud, 1923:69).

Para dar conta da severidade assumida pela instância superegóica diante do eu, Freud evoca a defusão pulsional, como um processo que estaria na origem do supereu. É que na identificação com o pai tomado como modelo ocorre uma desintração pulsional, como conseqüência da dessexualização ou sublimação envolvida necessariamente na identificação, cujo papel na formação do supereu é fundamental:

⁴⁸ É no artigo de 1911, intitulado *Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental*, que Freud apresenta a distinção que existe entre o eu-prazer e o eu-realidade. Ali, o Eu era tido como suporte das pulsões de auto conservação. O Eu-realidade, supunha um enlace entre as pulsões de auto-conservação e as “exigências da vida”, já que estaria submetido ao Princípio de realidade, enquanto que o Eu-prazer, submetido ao princípio do prazer, esforça-se apenas para alcançar prazer. “(...) ele nada pode fazer a não ser querer, trabalhar para produzir prazer e evitar o desprazer, assim o ego-realidade nada necessita fazer a não ser lutar pelo que é útil e resguardar-se contra danos” (Freud, 1911:283). Esta hipótese de um desenvolvimento do Eu, é um dos motivos que conduz Freud a postular o narcisismo. É que existe uma mudança no plano do funcionamento psíquico, com a entrada do princípio de realidade. Antes disto, a criança se constitui como um sistema fechado no interior do qual não é possível distinguir sujeito e objeto. Somente quando há ausência de satisfação, este sistema fechado é rompido, e o aparato é compelido a reconhecer a existência de uma exterioridade, o que provoca uma disjunção entre externo e interno.

Após a sublimação, o componente erótico não tem mais o poder de unir a totalidade da agressividade que com ele se achava combinada, e esta é liberada sob a forma de uma inclinação à agressão e à destruição (Freud,1923:71).

Assim o componente destrutivo, que se tornou independente seria típico de uma defusão pulsional e será essencial para entendermos a formação do supereu freudiano. Este componente destrutivo desintrincado - que é a parte da pulsão de morte expulsa pelo eu; será re-introjetado pelo eu em formação, constituindo a um só tempo o supereu primitivo. É esta volta que alimenta continuamente o supereu de pulsão de morte. Constituído primariamente por esta volta de pulsão de morte, anteriormente projetada pelo eu, nos parece inevitável falar de identificação, cujo papel na constituição do supereu é fundamental.

Apesar do conceito de supereu só aparecer formalmente na obra freudiana em 1923, na elaboração da segunda tópica, sua origem pode ser remontada a momentos anteriores da elaboração teórica freudiana. Um dos textos em que os antecedentes do supereu estão melhor representados é *Sobre o narcisismo: uma introdução* (1914), onde Freud introduz os conceitos de ideal do eu e do agente auto-observador a ele relacionado. Estes conceitos formam a base daquilo que Freud irá descrever posteriormente como o supereu. É somente no terceiro capítulo de *O Ego e o Id*, que será introduzido formalmente por Freud o termo supereu. Ali ele tenta estabelecer sua gênese na identificação com os pais, mais especificamente no contexto do Complexo de Édipo. Seremos informados que o resultado do período edipiano é a formação de um *precipitado* no eu, que inclui as identificações relacionadas ao pai e à mãe. Esta modificação do eu:

(...) se confronta com os outros conteúdos do eu como um ideal do ego ou Superego. (...) A sua relação com o ego não se exaure com o preceito: 'Você *deveria ser* assim (como o seu pai)'. Ela também compreende a proibição: 'Você *não pode ser* assim (como o seu pai), isto é, você não pode fazer tudo que ele faz; certas coisas são prerrogativas dele' (Freud, 1923:49).

Esta passagem do texto freudiano ressalta que o modelo paterno vai servir como referência para a evolução do eu. Se o pai representa a autoridade, *ser como*

ele inclui a interiorização da autoridade. Por esta razão, o supereu é também visto como *herdeiro do complexo de Édipo*.

É assim que, entre a exigência de ser como o pai, e a proibição de se colocar no lugar dele (proibição do incesto), o supereu se instala como função crítica e interdutora, que vigia o eu para que ele não se desvie do caminho traçado por suas identificações e por seus modelos, que é aquilo que vai nos orientar na distinção entre o que é bom e o que é mau, entre o que deve e o que não deve ser feito. E como bem lembrado pelo professor Luiz Alfredo Garcia –Roza, Freud nos mostra em *O mal estar na cultura* que: "(...) o bem em questão, é o bem do outro, e o que Freud nos mostra é que agir segundo essa moral não nos livra da culpa, ao contrário, quanto mais nos fazemos dóceis à cultura, mais ela nos exige. O supereu não é complacente com os bons (...)" (Garcia-Roza,1990:160).

De fato a crueldade do supereu pode atingir um grau extremamente forte. Sua ferocidade tem relações com um outro aspecto que se destaca ainda neste texto (1923) e que nos interessa de perto: o de ser um representante do isso. É que Freud nos informa, que topograficamente, o supereu está bem próximo do isso e mais distante da consciência do que o eu.⁴⁹ É graças a esta proximidade com o isso, que o supereu pode atuar como seu representante (Freud,1923:65). Pelo fato de estar tão próximo do isso, que é também a sede da pulsão de morte, devemos esperar encontrar na ação do supereu, elementos que se originam nela, e que podem torná-lo "tão cruel quanto somente o id pode ser" (Freud,1923:71).

Em um dos seus mais recentes trabalhos, intitulado *Pulsão de morte como efeito de Supereu*⁵⁰, Ana Rudge (2005) trata diretamente do enlace que une pulsão de morte e Supereu. A autora retoma Lacan, ao dizer que a noção de pulsão de morte em Freud, apesar de ter sido introduzida a partir de bases na Biologia, deve ser entendida para além de uma pura tendência de reconduzir o que é vivo ao estado inorgânico. Ela diz com razão, que esta hipótese por si só, não explica diretamente as questões relacionadas à destrutividade humana, que se apresentavam para Freud na clínica, tais como: "as neuroses traumáticas e

⁴⁹ Uma das novidades deste artigo de 1923 é o fato de que dada a dupla determinação do supereu, ele é em grande medida inconsciente. De um lado ele deriva do Complexo de Édipo e por outro lado, ao mergulhar no isso, sua origem é pulsional.

⁵⁰ No prelo.

manifestações masoquistas, como a reação terapêutica negativa e os auto-ataques, que solicitavam serem levados em conta na teoria” (Rudge, 2005:4).

Tanto o masoquismo, como a reação terapêutica negativa, fenômenos clínicos que atestam a ação da pulsão de morte, “são manifestações da tirania de um supereu sádico sobre o eu” e Rudge nos relembra ainda, que estes fenômenos são retomados em 1926, “sob uma nova rubrica: a de resistência do supereu” (Rudge, 2005:5). Defende a idéia de que o Supereu se constitui “como uma ferramenta teórica fundamental sem a qual o entendimento da operação da pulsão de morte na experiência psicanalítica, assim como seu manejo, não se torna possível”⁵¹. Esta tese é bastante fecunda e aparece como uma alternativa metapsicológica bastante mais sustentável do que pensar a pulsão de morte simplesmente como uma força que visaria transformar o animado em inanimado.⁵²

De fato, no artigo *Inibição, sintoma e angústia*, ao qual a autora faz referência, Freud vai falar de cinco tipos de resistência ao tratamento, as quais o analista tem que combater e “que emanam de três direções – o ego, o id e o superego” (Freud, 1926: 184).

A quinta variedade de resistência descrita por Freud, é a resistência do superego, qualificada por ele como *a mais obscura*. Esta, segundo ele, parece “originar-se do sentimento de culpa ou da necessidade de punição, opondo-se a todo movimento no sentido do êxito, inclusive, portanto à recuperação do próprio paciente pela análise” (Freud, 1926:185).

O que se lê em Freud, é que esta tendência masoquista originária do ser humano, que se constitui como a maior fonte de resistência ao tratamento, tem sua gênese na relação com os adultos primeiros, e se perpetua no supereu sádico que mantém uma relação com o eu masoquista.

Este aspecto primário do supereu é retomado da teoria freudiana, no artigo de Rudge do qual falávamos há pouco. Ela sustenta que Freud fala do supereu não

⁵¹Idem.

⁵²Sobre a hipótese freudiana da pulsão de morte entendida como uma tendência ao inorgânico, Luiz Alfredo Garcia Roza vai apresentar a idéia defendida por Dorey em seu artigo: *Realité de la perte, réalité de la mort en psychanalyse*, que considera que no caminho em direção à redução completa das tensões, o aparelho psíquico produz algo em função da ação da pulsão de morte, que é a constituição do objeto. Assim, a finalidade última da fusão pulsional, que seria a homeostase, teria sido ultrapassada pelo surgimento da diferenciação sujeito-objeto. Sobre este tema: Cf., GARCIA-ROZA, L., A., (1999), In. *Acaso e repetição em Psicanálise*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, p. 78/79.

só como *herdeiro do complexo de Édipo* (1923), mas também como *o núcleo do eu* em seu texto sobre o humor (1927b), e que isso sugere, em relação ao eu, que “o supereu é seu ponto de origem, o mais arcaico” (Rudge, 2005:6).

Ao tratar da origem do supereu em 1923, Freud diz que por trás de sua origem está a primeira e mais importante identificação de um indivíduo, e prosseguindo nesta linha, afirma que: “trata-se de uma identificação direta e imediata, e se efetua *mais primitivamente do que qualquer investimento de objeto*⁵³” (Freud, 1923:45/46). Esta passagem corrobora a hipótese de um supereu primário, anterior ao Édipo.

Este supereu arcaico surge no primeiro momento de vida onde ainda não se estabeleceu a diferenciação entre eu e não-eu, e como resultado de uma identificação com o supereu dos pais. Vale dizer que este supereu primário, tal como o de Klein⁵⁴, ainda não é o *herdeiro do complexo de Édipo*, que aparecerá mais tarde no processo de desenvolvimento do eu.

Esta tendência masoquista moral, que aparece na clínica como reação terapêutica negativa, sentimento de culpa, necessidade de punição, etc, tem sua fonte na crítica cruel do supereu, que se expressa como consciência moral. As críticas do supereu serão tão mais severas, quanto mais o sujeito renunciar à satisfação das suas pulsões e, portanto, reprimir a sua agressividade contra os outros. Isso cria a paradoxal situação de que quanto mais busca ser virtuoso, eximindo-se de atormentar seu semelhante, mais atormentado pelo supereu o sujeito será. Esta é a conclusão de Freud no artigo *O ego e o Id*, e nos conduz diretamente ao tema de *o Mal estar na cultura*, quando ele vai responsabilizar o mal estar na cultura por esta dialética superegógica.

⁵³ O grifo é meu.

⁵⁴ Segundo Melanie Klein, o supereu não apenas precede o Complexo de Édipo, mas também promove seu desenvolvimento. Quando começou a analisar crianças, na década de 1920, através da técnica de brincar (*play technique*), inspirada nas observações de Freud, quanto ao brincar infantil, ela lançou nova luz sobre as relações de objeto primitivas da criança. Seguindo a simbolização e a repetição da criança, de relações de objeto e ansiedades mais primitivas, na transferência, ela foi levada a ver que as relações de objeto da criança se prolongavam pelo passado, exatamente até uma relação com objetos parciais, tais como o seio e o pênis. Ela descobriu, que a ansiedade suscitada por essas primitivas relações objetais exerciam uma forte influência nas relações posteriores e na forma do Complexo de Édipo. A psicanalista concluiu que, a pressão das ansiedades produzidas por objetos maus internalizados, em crianças muito pequenas, constituía já um supereu tão severo, quanto ameaçador. Para Klein, o supereu da criança é até mais cruel que o do adulto, que tem o eu mais forte. Sobre as primitivas relações de objeto da criança e sua relação com o supereu primário na teoria kleiniana, ver (Segal, H., 1975: 12/20).

Já sabemos que a violência impiedosa com que o supereu, exerce sua função normativa, atesta que ele é uma das formas pelas quais a pulsão de morte mostra o seu poder e se é verdade que o supereu é o núcleo do eu, há que se supor também vestígios da ação da pulsão de morte na gênese do eu.

3.5

A pulsão de morte e a gênese do Eu.

Wo Es war, soll ich werden (Freud, 1933:103).

Mesmo nas funções que lhe são próprias, como a consciência e o pensamento lógico, o eu traz em si um substrato pulsional. É que por originar-se do isso, o eu tem sua gênese na pulsão, que em Freud é desde o início dupla: Eros e Tanatos são irreduzíveis um ao outro. Suas manifestações são como já vimos, o produto de variadas fusões e defusões.

No quadro conceitual da segunda tópica, o eu passa a ser a camada exterior do isso, instância da qual se origina e frente a qual é preciso oferecer racionalizações que harmonizem as paixões e desejos do isso, com a realidade e a consciência moral. Freud adverte que:

(...) em sua relação com o id, ele é como um cavaleiro que tem de manter controlada a força superior do cavalo, com a diferença de que o cavaleiro tenta fazê-lo com a sua própria força, enquanto que o ego utiliza forças tomadas de empréstimo.(Freud,1923:39)

Sem pretendermos ignorar as várias acepções que o conceito de Eu ganhou ao longo da evolução da teoria psicanalítica, aqui sublinharemos um aspecto desta teoria, que aponta para o momento de sua constituição, e que está diretamente ligado com a gênese do exterior e do interior que Freud tenta traçar em um sucinto, mas denso artigo intitulado, *A Negativa* (1925).

Freud propõe o termo *Verneinung*, para caracterizar um mecanismo de defesa, através do qual o sujeito exprime negativamente um desejo, ou uma idéia cuja presença ou existência ele recalca. Com a negação, portanto, o conteúdo recalçado aparece à consciência, porém recusado, isto é não assumido pelo

paciente. Normalmente a negação consiste em um “não sou eu”. Aqui no Brasil, também se usam os termos “denegação” e “negativa”, para expressar este fenômeno.

Já em 1911, em seu artigo *Formulações sobre os dois princípios do funcionamento psíquico*, Freud introduz na teoria a oposição entre o eu-prazer e o eu-realidade, para falar da relação do Eu com o mundo exterior, e também das relações entre o Eu e as pulsões (mundo interno). Contudo, é somente no artigo de 1915 intitulado *As pulsões e suas vicissitudes*, que será feita uma distinção no sentido de opor o Eu ao mundo externo, fazendo coincidir o Eu-sujeito com o que é agradável e o mundo externo com o que é desprazeroso.

No artigo de 1925, Freud retoma o mesmo raciocínio:

Como demonstrei noutra lugar, o ego-prazer original deseja introjetar para dentro de si tudo quanto é bom, e ejetar de si tudo quanto é mau. Aquilo que é mau, que é estranho ao ego, e aquilo que é externo são, para começar, idênticos (Freud,1925:297).

O que se esclarece ao longo deste artigo, é que este processo defensivo de introjeção e ejeção é correlativo do processo de constituição do Eu e do objeto. Freud nos informa que neste processo apresenta-se a ação das duas pulsões primárias. Da pulsão de vida como pulsão de unificação, e da pulsão de morte como pulsão de desunião.

Introjetar o que é vivido como bom e expulsar o que é vivido como mau, é o primeiro mecanismo defensivo do qual a criança lança mão, e vai demarcar para ela a diferença entre o que é interno e o que é externo.

Neste ponto recorreremos a uma análise preciosa deste artigo, que foi empreendida em 1954, por Jean Hyppolite, a convite de Jacques Lacan⁵⁵, e que certamente merece ser discutida neste estudo, porque nos conduz de volta ao texto freudiano, de forma muito esclarecedora.

De saída, Hyppolite propõe traduzirmos o título do artigo de Freud, *Die Verneinung*⁵⁶, por *A Denegação*. Na sua concepção, a denegação, expressa a negação de uma negação; o que resulta numa afirmação intelectual, daquilo que

⁵⁵ Hyppolite, J., “Comentário falado sobre a Verneinung de Freud” em : Escritos de J.Lacan.

⁵⁶ Este é o título do texto em alemão. Vamos encontrá-lo em GW, XIV, do qual constitui o segundo artigo, p.11-15 [“A Negativa”, ESB, XIX, Rio de Janeiro, Imago, 1974].

foi recalçado. Segundo ele, a denegação é "um modo de apresentar o que se é à maneira do não ser" (Hyppolite, 1954:895). Ele retoma do texto freudiano a idéia de que o que está envolvido na função da denegação (*verneinung*) é a suspensão (*Aufhebung*) do recalçamento, sem que isto signifique uma aceitação do recalçado.⁵⁷ Diz, seguindo as pegadas de Freud, que o recalçado subsiste negadamente, justamente sob a forma desta não aceitação, e que isto só se torna possível pela separação entre o intelectual e o afetivo, conduzindo assim o leitor à máxima freudiana de que: "Um juízo negativo é o substituto intelectual do recalçado" (Freud, 1925:297).

Com esta afirmação, o que Freud postula é que com o símbolo da negativa, que é *a marca distintiva do recalque*, o pensamento fica livre das restrições do recalçamento; sendo assim seu conteúdo ideativo pode atingir a consciência num modo negativo. Assim, a negação é um meio de todo ser humano tomar conhecimento daquilo que recalca em seu inconsciente. Através desse meio, o pensamento se liberta por uma lógica da negatividade das restrições que lhe são impostas pelo recalque (Freud, 1925: 296).

Mas Hyppolite chama atenção para o fato, de que a *Verneinung* da qual se fala no artigo freudiano, é mais do que uma separação entre a função intelectual e o processo afetivo, é propriamente o processo através do qual se constitui o que é intelectual. Para ele o que está em jogo para Freud, é a própria constituição do pensamento a partir do juízo de negação, resultando o intelectual, de uma suspensão do recalque. Esta suspensão (*Aufhebung*) está presente no ato de denegar, mas não é equivalente ao recalque, já que seu conteúdo persiste sob a forma da denegação, ou seja o recalçado é reconhecido de maneira negativa, sem ser aceito. "É isso, a meu ver, que é preciso admitir para compreender do que se fala nesse artigo, propriamente, sob o nome de denegação, ainda que isso não seja prontamente visível" (Hyppolite, 1954:896).

Em seguida, ele explica que esta origem do pensamento fica mais clara, quando pensamos na situação do analista que denuncia para o paciente sua atitude de denegação. Conclui que quando o paciente acolhe a denúncia do analista "(...) o psicanalista me obriga a aceitar em minha inteligência o que eu negava há

⁵⁷Cf. Freud, S. *A Negativa*; ESB, vol. XIX, p. 296.

pouco”, o que se dá é uma “negação da negação”(Hyppolite,1954:897). Ele dirá que a afirmação que daí resulta é uma afirmação intelectual apenas, que é diferente da afirmação primordial⁵⁸ (afetiva), que por ainda não poder ser negada, é recalcada.

Sobre este momento da afirmação primordial, Luiz Alfredo Garcia-Roza explica, que ele se dá antes da aquisição da linguagem e da possibilidade da criança dizer 'não'. Para ele, esta afirmação primordial corresponderia à primeira forma de relação da criança com a mãe, sendo uma expressão direta do pulsional, anterior a qualquer forma de recalque. Só num segundo momento ocorreria uma negação dessa afirmação sob a forma do recalque originário. Mas adverte, contudo que:

(...) essa negação não é exercida pelo sujeito, mesmo porque o sujeito é o que vai resultar dessa negação e não o que a exerce. A fonte desse recalque é a exterioridade (a mãe), enquanto produtora de inscrições que fixam a pulsão ao representante ideativo (Garcia-Roza, 1999:76).

Retomando a teoria freudiana, haveria no começo um Eu que introjeta o que é bom e expulsa o que é mau. Mas pela lógica do que Freud nos apresenta, teoricamente a introjeção só pode ser posterior à expulsão, já que “A antítese entre subjetivo objetivo não existe desde o início” (Freud,1925:298). Em Freud, é justamente o mecanismo de expulsão, cujo sucessor será o juízo de negação que funda o externo. Portanto essa primeira negação leva a uma disjunção que separa o subjetivo do objetivo.

É assim que vemos aparecer em Freud a idéia de que a ação recíproca das duas pulsões primárias, estaria na origem do juízo:

Julgar é uma continuação, (...) do processo original através do qual o ego integra coisas a si, ou as expulsa de si, de acordo com o princípio do prazer. A polaridade de julgamento parece corresponder à oposição dos dois grupos de pulsões que supusemos existir. *A afirmação – como um substituto da união – pertence a Eros; a negativa – o sucessor da expulsão – pertence à pulsão de destruição*⁵⁹ (Freud,1925:299/300).

⁵⁸ *Bejahung*.

⁵⁹ O grifo é meu.

Enquanto a afirmação é um substituto de Eros, a negação é o que resulta da expulsão e pertence à pulsão de destruição. O que Freud está apontando para nós aqui, é que é pela ação da pulsão de morte, que se dá a constituição do objeto e do próprio sujeito. A pulsão de morte está no cerne da separação entre o eu e o não – eu, e nesta medida é responsável pela constituição do psiquismo. Assim, a pulsão de morte que poderia ser vista como algo puramente negativo, adquire positividade na medida em que passa a ser considerada como um princípio de estruturação do psiquismo. Vemos nascer aqui, uma teoria do sujeito a partir do conceito de pulsão de morte.

Esta clivagem, é um efeito benéfico da pulsão de morte que, diferenciando assim sujeito e objeto, cria o objeto sem o qual a vida psíquica seria impossível. Lembramos que segundo Freud, logo no começo este objeto assim criado, “e o que é odiado são idênticos” (Freud,1915:158), e que em 1920, seremos informados que o ódio é uma expressão da pulsão de morte. Portanto podemos pensar que este objeto é criado por uma projeção da pulsão de morte. Nos termos do texto de 1925, esta expulsão primária é também uma negação primária – a sucessora da expulsão.

Tudo isto nos faz pensar, que esta projeção da pulsão de morte em proveito do eu, tem um valor existencial para o sujeito e para o aparelho psíquico. Trata-se de uma primeira colocação da pulsão de morte a serviço de Eros, já que se este desvio não se realizasse, a pulsão de morte terminaria por destruir os esboços deste eu primário em formação.

Em algumas patologias graves, não ocorre esta apropriação da pulsão de morte pelo eu. Sabemos o que acontece, por exemplo, no retorno maciço da pulsão de morte para o eu, como no caso da melancolia, a propósito da qual Freud fala do superego como *uma cultura pura da pulsão de morte*. (Freud, 1915:69)

A essência do mecanismo de denegação é justamente esta inversão da direção da pulsão de morte, que ao invés de permanecer no eu, orienta-se em *grande parte* para o objeto (Freud,1924:204). Paradoxalmente, da mesma forma, também Eros que por natureza deveria se orientar para os objetos, permanece no

interior em sua maior parte, como libido narcisista. Que falem por mim as palavras proferidas por Freud, em sua trigésima segunda conferência sobre psicanálise:

Chegamos a compreender que o ego é sempre o principal reservatório de libido, do qual emanam investimentos libidinais de objeto e ao qual eles retornam, enquanto a maior parte dessa libido mantém-se permanentemente no ego (Freud,1933:128).

Este constitui talvez o movimento defensivo mais fundamental do aparato psíquico, e resulta num enorme paradoxo acerca da condição humana, a de que o homem só consegue existir se desviar a maior parte de suas pulsões de seus alvos. Muito provavelmente não sobreviveríamos à satisfação plena de nossos impulsos eróticos e destrutivos, como se infere da concludente fórmula freudiana que pode ser lida nas *Novas Conferências de Introdução à Psicanálise: Wo Es war, soll ich werden* – onde era o isso, que advenha o eu. (Freud, (1933[1932]): 102) Esta constatação nos remete diretamente ao tema do artigo *Mal estar na civilização* (1930), que será também o assunto do terceiro capítulo deste estudo.